

Casa Redonda: arte, sustentabilidade e educação¹

Casa Redonda: art, sustainability and education

Gabriela de Moraes Damé

Mestre em Design e expressão gráfica pela UFSC
gabrielandame@gmail.com

Paulo Renato Viegas Damé

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Centro de Artes (GEART).
Professor na graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas
paulodame@gmail.com

Fábio Machado Pinto

Professor Pesquisador do programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC), Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris 8 – Saint-Denis/França
fabiobage@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo aborda o processo de criação em arte, cujo referente é a construção de uma casa de terra, no contexto da realidade rural, utilizando-se de princípios colaborativos dentro da lógica da sustentabilidade radical. A modalidade de construção atende os princípios das tradições e das novas tecnologias, na medida em que amplia e aprofunda táticas poéticas de ação no cotidiano, isso que nos permite potencializar a reflexão sobre as relações entre a arte contemporânea e o território rural. Território este, cujas transformações das últimas décadas alteraram significativamente as dinâmicas culturais, enfraquecendo os saberes tradicionais enquanto vetores de coesão social e identitária. O projeto intitulado Casa Redonda, funciona como um dispositivo, possibilitando a troca de saberes e simultaneidades afetivas, por meio de encontros entre indivíduos urbanos e rurais, proporcionando a ressignificação das práticas, territórios e subjetividades.

Palavras-chave: Processo de criação colaborativa, Arte contemporânea, Desenvolvimento sustentável, Arte educação.

Abstract: This article approaches the process of creation in art whose referent is the construction of a house of land, in the context of rural reality. This house is being built from collaborative principles within the logic of radical sustainability. Using modalities of construction based on traditions and new technologies, as it broadens and deepens poetic tactics of action in the daily life, potentializing the reflection on the relations between contemporary art and rural territory. This territory, whose transformations of the last decades have significantly altered cultural dynamics, weakening traditional knowledge as vectors of social and identity cohesion. The project called Casa Redonda, works as a device, enabling the exchange of knowledge and affective simultaneities through meetings, between urban and rural individuals, providing the giving of new meaning to practices, territories and subjectivities.

Key words: Collaborative creation processes, Contemporary art, Sustainable development, Education Art.

Introdução

O processo artístico criativo Casa Redonda constitui-se num dispositivo relacional, formativo, de princípios colaborativos e dentro da lógica da sustentabilidade radical (KELLOGG; PETTIGREW, 2008)². O método de criação artístico foi aplicado na construção de uma casa com paredes de terra e telhado verde, no contexto da realidade rural do interior do município de Encruzilhada do Sul/RS.

A Arte Pública de Novo Gênero, segundo Blanco (2001), por privilegiar o interesse do artista pela comunidade e o papel desta na constituição do espaço, potencializa a reflexão sobre as relações entre a arte contemporânea e o território rural, cujas transformações das últimas décadas alteraram significativamente as dinâmicas culturais, enfraquecendo os saberes tradicionais enquanto vetores de coesão social e identitária.

O encontro entre estudantes e trabalhadores rurais, proporcionou a ressignificação das práticas, territórios e subjetividades, gerando simultaneidades afetivas e novas aprendizagens. Utilizando modalidade de construção contemporânea, baseada em técnica tradicional e sustentável, buscamos ainda alternativas econômicas e a produção de alimentos orgânicos para o consumo próprio.

Proposição artística, Casa Redonda

Uma desagradável sensação de calor trouxe uma lembrança de infância para um dos autores, quando em um verão muito quente se sentiu bastante confortável na casa de um tio. A casa, feita de terra, era construída por meio de uma técnica antes usada naquela região – subia em paredes de leiva e terminava em telhado de capim santa-fé. Uma lembrança da infância que se atualizou no presente, no desejo de construir a sua casa com as próprias mãos que se abriu ao porvir: Casa Redonda.

A construção consiste num dispositivo artístico que visa, também, a criação de espaços de trabalho e de convívio em arte. Construir a casa revela-se ao longo da pesquisa, uma maneira de se reconstruir na relação com outros sujeitos do meio urbano e rural, transcendendo o sociológico de origem.

Assim se projeta uma micro utopia, levando em conta o resgate de algumas tradições eficientes de construção somadas às tecnologias contemporâneas que conciliam aspectos tais como: o reuso de materiais, economia de energia, captação de água

da chuva, conforto térmico, trabalho colaborativo, viabilidade técnica, econômica e aberta as ideias inovadoras no sentido do viver bem, como aponta Luc Ferry (2012).

Para Kester (2013, p. 17), o “[...] poder real da arte reside precisamente em sua habilidade de desestabilizar e criticar as formas convencionais de representação e identidade”. Esta modalidade da arte passou a incluir a noção de comunidade ou de público como constituintes do lugar e definiram o artista público como aquele ou aquela cujo trabalho é sensível aos assuntos, necessidades e interesses comunitários, conforme Blanco (2001). Nossa hipótese é que a “Arte como Acontecimento” pode contribuir para uma reflexão crítica sobre esta realidade e sua relação com o meio urbano, proporcionando experimentação e uma formação humana voltada à sustentabilidade radical.

O dispositivo Casa Redonda configura-se como lugar de convívio e encontro, na possibilidade real de vivenciar processos artísticos em colaboração coletiva, utilizando o fluxo da vida cotidiana, valorizando a experiência e explorando formas de registros e relatos, como possibilidade para dar visibilidade às ações realizadas. Propõe-se a contribuir na construção de outras formas de habitar o mundo, tendo como método a colaboração em três níveis:

- no ato criativo: ativar o saber do outro, trazendo conhecimentos singulares de fora para dentro do processo, através das disciplinas de domínio de cada colaborador;
- na construção: experimentar a construção da casa a partir de princípios da sustentabilidade radical e da permacultura³;
- nas relações sócio afetivas: estabelecer novas formas de relações entre as pessoas baseadas na alteridade e reciprocidade.⁴

Localizando a Casa e suas relações

Para construir uma casa, pela tradição local, é preciso localizar uma boa fonte de água potável, tendo a certeza que esta não secará durante as estiagens. A escolha do lugar da casa teve como critério a chegada da água por gravidade, e assim ganhando autonomia.

Os materiais e técnicas de construção foram definidos tendo como critério a disponibilidade e os recursos naturais da região como terra, areia e madeiras.

Contamos ainda com estudo de revisão bibliográfica (LENGEN, 2008) e a experiência de trabalhadores locais e colaboradores.

O emprego de antigas técnicas associadas a novas tecnologias, como o uso do trator disponível, permitiu diminuir o custo ambiental e energético da edificação. Contudo, o ritmo da construção priorizou a contemplação da paisagem e a experiência, na construção com as próprias mãos, buscando resgatar o sentido das relações humanas.

Consideramos colaboradores, familiares, amigos, voluntários e pessoas remuneradas ou não que contribuíram nas mais diversas etapas da construção.

De acordo com Kester (2016), a colaboração estética desafia algumas suposições básicas sobre o que é reconhecido como arte, e considera os aspectos de interação colaborativa que normalmente não são valorizados pelos discursos da crítica e da história da arte. Existe uma preocupação com a experiência da interação colaborativa, os novos conhecimentos e as novas formas de conhecimento que são catalisadas por meio dessa interação que leva a construção de um objeto, uma ação, uma ideia. Aqui, o trabalho de arte refere-se tanto ao processo quanto ao objeto realizado. A expressividade do artista é parcialmente deslocada para uma rede de relações dialógicas entre todos os participantes, e a ênfase do projeto é colocada nas interações, ao invés de somente na experiência do artista e na forma do objeto.

Metodologia do trabalho: a arte de promover encontros

Como objeto de pesquisa, o dispositivo utilizou-se de metodologia orgânica e processual, com ênfase na participação dos colaboradores em atividades de experimentação mediadas por oficinas e vivências (SALLES, 1998). Os colaboradores se revezaram como oficinairos e participantes, debatendo, experimentando, trocando saberes e afetividades.

Primeiro encontro: o alicerce

Este encontro, idealizado com o Professor Kinceler,⁵ foi realizado em maio de 2011 e contou com setenta participantes. Partiu-se da estruturação de um cartaz

com o programa de oficinas e ações, intitulado: “Em busca do interior: sete dias cem imagens, em torno do fogo”. Foi providenciada uma estrutura mínima para a sua realização, através das ideias que surgiram do trabalho colaborativo e que potencializou as iniciativas e os resultados deste primeiro encontro.

Houve oficinas tradicionais, como a de torno cerâmico, e experimentais, propostas a partir de percepções do próprio lugar como a oficina de eco, realizada à noite, quando havia maior silêncio, tendo a floresta de eucaliptos da propriedade vizinha como superfície de anteparo para a reflexão do som.

A oficina de construção de forno a lenha foi sucedida da oficina de receitas da Dona Nely,⁶ que abordou como aquecer um forno a lenha, e a técnica da palha de milho para constatar a temperatura ideal para assar biscoitos, pães e bolos, saberes estes, que vêm se perdendo.

A oficina para carnear uma vaca dividiu o grupo entre os que participaram e os que não quiseram, promovendo aprendizagens e importante reflexão sobre o abate de bovinos.

A colaboração mútua em oficinas e as conversas com a comunidade local proporcionaram encontros entre gerações, colocando em relação, campo e cidade, meio rural e academia, o tradicional e o contemporâneo, o novo e o antigo, valorizando saberes e possibilitando a reconstrução dos sujeitos envolvidos em experiências simples e singulares.

Segundo encontro: mãos de barro

Realizado em abril de 2013, contou com vinte e cinco participantes, possibilitando uma dinâmica de trabalho e organização com foco na construção da Casa. Nesta etapa, foi realizada a oficina de construção das paredes. A partir de estudos teóricos e de experimentação, o grupo aprendeu a construir, utilizando Superadobe⁷.

A terra foi retirada de um lugar próximo da construção. O material adequado para a parede é a terra mineral, a parte argilosa que deve conter certa quantidade de areia – sessenta partes de terra para quarenta partes de areia. Se a mistura tiver muita argila, ao secar a parede, haverá uma grande contração, causando rachaduras. Se houver areia em demasia, a parede fica comprometida porque não terá plasticidade suficiente para as camadas se unirem.

A terra foi misturada manualmente e adequada à construção das paredes. Ao longo do trabalho braçal, conforme os dias iam passando, o sujeito ia descobrindo sua potência e seus limites físicos. O corpo se adaptou e se modificou com o intenso esforço de ensacar a terra e levantar as paredes. Os sentidos ficaram mais aguçados com o prolongamento do trabalho, as dificuldades e as realizações. Para descobrir soluções práticas foi fundamental a ação colaborativa.

Terceiro encontro: encontro com a natureza

Realizado em dezembro de 2013, reuniu quinze pessoas, em torno de oficinas de construção com Superadobe. Uma churrasqueira foi construída junto à varanda, que ficou orientada para o lado oeste, para proteger a porta da frente do sol poente, muito quente durante o verão. Os quartos foram orientados para o leste, ficando expostos ao sol desde o início da manhã, para auxiliar a secagem da umidade noturna e não expostos ao sol da tarde que os aqueceria demais no verão. Os banheiros foram orientados para o norte para terem uma maior exposição solar, principalmente o banheiro seco que precisa manter em suas câmaras uma temperatura de oitenta graus aproximadamente para compostar os dejetos. No lado sul, não há aberturas pela não incidência solar; por esta razão, foi instalado nesta parede o fogão a lenha, para ajudar a eliminar umidade.

Neste período de grande calor, houve várias atividades junto a natureza como caminhadas no mato e banho de rio.

Quarto encontro: telhado verde

Realizado em junho de 2014, contou com doze participantes. Como desdobramento das atividades, o Professor Kinceler e seu grupo ministraram uma oficina de Horta Vertical⁸ com pneus, para os alunos da Escola Técnica Estadual de Canguçu-ETEC/RS. Em correspondência, vinte e cinco estudantes visitantes desta escola, passaram o dia para executar o telhado verde e realizar atividades na horta. Com foco na alimentação orgânica, foram oferecidas oficinas de culinária, com destaque para fabricação de queijos com leite de vaca, animando a equipe de Pelotas/UFPel, que ao retornar, realizou oficinas de queijo na universidade. Entre

as atividades desenvolvidas, a confecção do *didjeridu*⁹ de bambu e a técnica de tocá-lo, despertou interesse geral do grupo.

Quinto encontro: trama coletiva

Realizado em abril de 2015, com dezessete participantes, mais dez visitantes da ETEC, quando foram colocadas as tábuas do piso sobre a estrutura e aberto o buraco da adega dentro da casa, o buraco do tanque de evapotranspiração e o buraco do biodigestor, os dois últimos usando uma retroescavadeira. A terra vegetal retirada destes buracos foi utilizada para o telhado verde.

Realizamos oficinas de construção de telhado verde, de cavar buracos, manejo com o gado, torno cerâmico, culinária, fogueira, música, fotografia e diabolô. Kinceler e Aires¹⁰, com a colaboração dos demais, criaram tramas com madeira de cerca – o protótipo em tamanho real do banco que o Coletivo Geodésica Cultural Itinerante¹¹ apresentou para a “V Bienal Brasileira de Design/ Florianópolis”, em 2015.

Sexto encontro: por onde caminhar

Realizado em julho de 2015, durante um período de chuva intensa que danificou a estrada, comprometeu o acesso e reduziu a participação a dez pessoas. Nesta oportunidade, continuamos a construção do piso da casa e a plantação de grama no telhado verde, além das atividades de culinária, ervas medicinais, música, fotografia e torno cerâmico. No piso da casa foram usadas tábuas de *pinus elliotti* (pinheiro americano).

Sétimo encontro: fechamentos e aberturas

Realizado em fevereiro de 2016, contou com a participação de treze pessoas. Houve atividades diversificadas, como a construção das portas e janelas externas da casa, finalização do tanque de evapotranspiração (fossa), fogueira, práticas de Yoga, oficinas de entalhe e modelagem, oficina de torno cerâmico, plantação de

hortaliças, construção do piso da cozinha na técnica de chão batido¹², atividades de culinária criativa, brincadeiras e improvisação de um tobogã na grama.

A fotografia e vídeo assim como a música foram práticas constantes durante as permanências na Casa Redonda. Várias experiências e muitas imagens, pessoas que aprenderam e pessoas que ensinaram a fotografar. A fotografia mudou a forma de olhar o lugar, ajudando a desenvolver uma sensibilidade para percepção do quase invisível ou fugaz. Atividades cotidianas como cozinhar, varrer, cortar lenha e fazer queijo ganharam outros sentidos com a fotografia. Lucy Lippard, menciona Dorothea Lange que uma vez disse: “Uma câmera é uma ferramenta para aprender como ver sem uma câmera” (LIPPARD, 2014, p. 168). O que era somente leite coalhado no processo do queijo, tornou-se textura, cor, luz e movimento, desenhos que fazem lembrar outras experiências ou outras imagens já vistas.

Experiência e convívio

Inspirados no conceito de “ecologia cultural” proposto por Laddaga (2012), a Casa Redonda foi concebida como um dispositivo artístico capaz de mobilizar a ação voluntária dos participantes reorganizando os dados da situação em que se desenvolvem de maneira não prevista. Os encontros provocaram o convívio de pessoas em situações improváveis, e que tiveram a construção de casa e seus desdobramentos como mediação, como registrado no depoimento de um colaborador, Pedro:

– [...] mais que tudo, a importância de estarmos reunidos aqui, neste projeto, mais do que construindo uma estrutura física, a gente está construindo uma forma de pensar, um modo de viver, um modo de interagir com o outro. É uma experiência que constrói cada um de uma forma particular. [...] a gente tem que abrir mão das individualidades para absorver e receber algo muito maior, que é a vivência do todo e a energia que se forma quando todo mundo está vibrando na mesma sintonia. Então, em resumo, é não olhar a Casa como um projeto físico acabado em si, mas como um processo de vivência que foi construído por pequenas partes de muitas histórias de muitas pessoas.

Conforme Bourriaud (2009, p. 42), “uma obra pode funcionar como dispositivo relacional com certo grau de aleatoriedade, máquina de provocar e gerar encontros casuais, individuais e coletivos”. Também, Holmes (2013, p. 13), afirma que “a arte tem se convertido em um complexo ‘dispositivo’: um laboratório móvel e um teatro experimental para a investigação e a instigação da transformação social e cultural”. O sentido do dispositivo não está no objeto em si, mas nas possibilidades deflagradas a partir do objeto, a arte como acontecimento.

Por fim, quando se contrata uma equipe remunerada para a construção de uma casa, o vínculo se extingue assim que termina o contrato e o trabalho. Quando a construímos em um processo colaborativo, dialógico, valorizando o fazer e as relações de interação, a construção é mais ampla e complexa. Existem desdobramentos do projeto ou continuidade nas colaborações em novos projetos, com a intenção de habitar melhor o mundo, que passa pelos significados e a história construída ao longo do processo, pelo afetivo e pelas possibilidades de futuro que se abrem como resultado dessas relações sustentadas na alteridade e na reciprocidade.

Morar, demorar, habitar uma casa viva

A casa, estando em processo de construção, guarda vazios, guarda certa semelhança com uma casa abandonada em ruínas, ambas incompletas. O que, num primeiro momento, pode parecer uma imperfeição, pode ser considerado como a sua melhor possibilidade. Enquanto está inacabada é possível, acabar, transformar, mudar, reformar, revitalizar, guardar espaços para imaginação e sonhos com outras perspectivas.

Ao morar na casa percebemos que ela continua como dispositivo de convívio, de morar, de demorar e de viver. Tentamos integrar a casa como objeto na paisagem, encravada num território, procurando modelar sua aparência como algo que faz parte do lugar e não como algo imposto. Mas é a paisagem que passa a fazer parte da casa, entrando pelas janelas e portas. “A acolhida da casa é tão total que o que se vê da janela pertence à casa” (BACHELARD, 1989, p. 79).

Além de abrigo, a Casa Redonda passou a ser um observatório que permite ver o entorno a partir do ponto onde ela está localizada. Ver o campo e os animais emoldurados pelas janelas e portas ou a visão de cima do telhado verde, com três

níveis de alturas que se confundem ao relevo dando continuidade a ele, possibilitando, assim, uma visão do que está mais distante, por ultrapassar os obstáculos próximos, alterando a maneira de ver o lugar, funcionando como um dispositivo de observação do lugar e da vida neste território.

Milton Santos (2002, p. 70) afirma que:

No começo da história, havia a natureza. Vem o homem se instala e começa a agregar novas coisas. Ele produz o território dessa forma. [...] território é a construção da base material sobre a qual a sociedade produz a sua própria história.

Os territórios estão em constante transformação, o que foi sendo percebido durante o desenvolvimento do processo artístico Casa Redonda. E, por estarem diretamente ligadas às questões abordadas de construção e cultivo, passaram a ser pensadas e discutidas, compreendendo que a direção dessas mudanças na realidade local, trazem consequências para o homem e o meio ambiente.

Sentimos um distanciamento entre cidade e campo, mas também percebemos que existe uma relação vital entre esses territórios.

Nas cidades, esgotadas de todas as formas, o cultivo de alimentos e de áreas verdes reaparecem como soluções inovadoras. Iniciativas de cultivo em pequenos espaços, de grupos e comunidades, ações de pessoas que se lançam a cultivar espaços urbanos vagos e espaços domésticos. Eco artistas têm desenvolvido trabalhos colaborando com a natureza em seus próprios terrenos ou em terrenos públicos, distanciados do contexto da arte. Por outro lado, temos artistas trabalhando no espaço público ou em comunidades no meio rural, em questões do uso e regeneração da terra e recuperação de córregos d'água, como descreve Lippard (2014).

Considerações finais

Propor ações artísticas no cotidiano, com autoria compartilhada, instaurar comunidades experimentais, desenvolver práticas sociais, trabalhos dialógicos, relacionais e colaborativos são algumas das táticas que artistas vêm desenvolvendo e que temos experimentado, trazendo para o meio rural de maneira a buscar alternativas para discutir as necessidades reais da época atual, neste território.

O processo artístico Casa Redonda proporcionou uma construção viva, explorando o potencial humano e envolvendo diferentes culturas e saberes singulares, na observação e aproveitamento da dinâmica da natureza e dos seus mecanismos naturais como aliados. Uma aproximação da comunidade universitária e da comunidade rural, através deste processo artístico, proporcionou a troca de saberes entre essas culturas, possibilitando reconhecerem-se mutuamente e a si próprias, bem como a importância de seus saberes.

Ao propor-se [...] “desenhar os mundos de vida a partir de uma racionalidade ética, do diálogo público dos interesses e fazer que estes, em todo caso, sejam expressão de mundos de vida possíveis” (BREA, 2015, p. 37), o processo artístico Casa Redonda se afasta do conceito de arte como ornamento – da paisagem ou da arquitetura – para se aproximar do que é denominado micro utopia, visando a transformação do real.

Ao longo do processo, pudemos perceber mudanças importantes no fazer artístico, incorporando as ideias de sustentabilidade, interações humanas de maneira afetiva, troca de saberes, cultivo orgânico, cuidado de si, reuso de materiais, economia de energia e tratamento de resíduos, gerando desta forma uma espécie de contestação, permitindo “re-olhar” para o lugar e reconstituí-lo a partir desses novos conhecimentos e percepções.

Instalada num território onde era somente campo aberto com pastos verdes na primavera e geada branca no inverno, um lugar povoado pelo gado, animais silvestres, insetos e plantas, marcada por uma cultura estabelecida em fortes tradições, a Casa Redonda foi além da ideia de ornamento, dialogando com a paisagem e a cultura, reconstruindo a forma de habitar o lugar e proporcionando experiências formativas.

No início da construção existia a propriedade rural com atividades de pecuária. Então, produziu-se uma diferenciação, criando um deslizamento naquela realidade. Ao desenvolver outras atividades foram criados novos espaços de pensamento, conforme nos ensina Certeau (1994, p. 202): “o espaço é um lugar praticado”. Ao propor o projeto Casa Redonda foi aberto um espaço na paisagem e quanto mais o vivenciávamos, mais significados eram criados em torno da Casa. No edificar, habitar e cultivar o lugar, cada pessoa, por meio de suas experiências, construiu novos sentidos e sensibilidades partilhados com o grupo.

A Casa Redonda, inserida no campo, acaba abarcando as realidades desse território, tratando de discuti-lo e repensá-lo, porque o propósito é habitar melhor o mundo e, desde já, está claro que, embora dependa de um empenho individual, esta não é uma tarefa para ser realizada só.

Notas

- 1 Foram mobilizados dois projetos de extensão universitária e um de pesquisa doutoral em Artes Visuais (CEART/UEDESC), envolvendo a Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, Instituto Federal de Santa Catarina/IFSC, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e a comunidade rural local.
- 2 Produção do próprio alimento, conservação das reservas de água, tratamento dos resíduos e geração da energia necessária.
- 3 Preservar, regenerar e expandir todas as paisagens tradicionais permanentes.
- 4 Schneider (2011, p. 150), fundamentada em Jean-Paul Sartre, chama atenção para duas atitudes de alteridade comuns e cotidianas nas relações estabelecidas em situações nas quais o outro é considerado outro, porém sem tecimento, flexibilidade ou dialética, o que compõe a estrutura alienante de nossa sociedade. Mas uma terceira estrutura é possível para o ser-com-o-outro, em que estar com o outro é superar o conflito existente nas atitudes anteriores, buscando a reciprocidade, ou seja, o reconhecimento do outro enquanto liberdade, o que viabiliza, portanto, a troca com o outro, em que um pode ser mediação para o outro.
- 5 Professor Dr. José Luiz Kinceler (1961-2015) – Departamento de Artes Visuais Ceart/UEDESC.
- 6 Nely Damé, mãe de um dos autores. Residente no meio rural, dedica-se à culinária desde os oito anos de idade.
- 7 Técnica de construção com terra, desenvolvida pelo arquiteto iraniano-americano Nader Khalili (1936-2008).
- 8 Proposição em arte de Kinceler, estruturada para ativar novos encontros a partir da troca de saberes adquiridos entre artistas, amigos e colegas que no cotidiano estão aparentemente distantes.
- 9 Instrumento de sopro originário dos aborígenes australianos.
- 10 Técnico da UDESC e colaborador da Casa Redonda.
- 11 Coletivo artístico oriundo da UDESC/SC, colaboradores da Casa Redonda.
- 12 Técnica de construção de piso, que consiste na compactação de solo argiloso.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BLANCO, Paloma. *Explorando el terreno*. In: BLANCO, P.; CARRILLO, J.; CLARAMONTE, J.; EXPÓSITO, M. (Orgs.) *Modos de Hacer, Arte Crítico, Esfera Pública y Acción Directa*. Salamanca/Espanha: Ediciones Universidad de Salamanca, 2001.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

- BREA, José Luis. *ORNAMENTO Y UTOPIÁ. Evoluciones de la escultura en los años 80 y 90*. Arte, proyectos y ideas. ANO IV, n. 4. Valencia/Espanha, 1996. Disponível em: <personales.upv.es/fmarti/eii/brea%20ornamento%20y%20utopia.rtf> Acesso em: 13 mar. 2015.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FERRY, Luc. *Aprender a viver: Filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- HOLMES, Brian. *El dispositivo artístico, o la articulación de enunciaciones coletivas*. Brumaria. n. 7, Editorial Virus, s/d. Disponível em: <<http://rsalas.webs.ull.es/rsalas/materiales/lr%20Holmes,%20B.%20E.%20dispositivo%20art%C3%ADstico.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2014.
- KESTER, Grant. Colaboração, arte e subculturas. *CADERNO SESC Videobrasil 02*. São Paulo: Edições SESC, 2006. Disponível em: <http://www2.sescsp.org.br/sesc/videobrasil/up/arquivos/200611/20061117_141556_CadernoVB02_p.10-35_I.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- _____. Conversation pieces: collaboration and artistic identity. In: *Unlimited Partnerships: Collaboration in Contemporary Art*. Bufalo: CEPA Gallery, 2000. Disponível em: <<http://old.cepagallery.org/exhibitions/Unlimited2/essay.html>>. Acesso em: 03 ago. 2016.
- KELLOGG, Scott; PETTIGREW, Stacy. *Toolbox for Sustainable City Living: a do-it-ourselves guide*. South End Press: Brooklyn, New York. 2008.
- LADDAGA, Reinaldo. *Estética da Emergência*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- LENGEN, Johan Van. *Manual do Arquiteto Descalço*. São Paulo: Editora Empório do Livro, 2008.
- LIPPARD, Lucy. *Undermining: A Wild Ride Through Land Use, Politics, and Art in the Changing West*. New York: The New Press, 2014.
- SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.
- SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Sartre e a Psicologia Clínica*. Florianópolis: EDUFSC, 2011.

recebido em 5 fev. 2017 / aprovado em 7 mar. 2017

Para referenciar este texto:

DAMÉ, G. M.; DAMÉ, P. R. V.; PINTO, F. M. Casa Redonda: arte, sustentabilidade e educação. *Dialogia*, São Paulo, n. 25, p. 29-41, jan./abr. 2017.
